



Bionota

Marisa C. Gaspar obteve o grau de Doutor em Antropologia pelo Iscte - Instituto Universitário de Lisboa em 2013. Atualmente é investigadora de Pós-Doutoramento no SOCIUS/CSG – Investigação em Ciências Sociais e Gestão do Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade de Lisboa (ISEG-ULisboa). Os seus atuais interesses de pesquisa são sobre turismo cultural e gastronómico em Macau, mudança social, património cultural, políticas públicas, identidade e ambivalência, etnografia institucional, antropologia económica e política. É autora de vários artigos académicos e dos livros: *Heirs of the Bamboo: Identity & Ambivalence among the Eurasian Macanese* (2020), recentemente publicado pela Berghahn Books e “*No Tempo do Bambu: Identidade e Ambivalência entre Macaenses*” (2015).

Bionote

Marisa C. Gaspar has a PhD in Anthropology since 2013 awarded by Iscte - Lisbon University Institute. Her research focused on identity redefinitions of the Eurasian Macanese community and its Portuguese creole legacies, deeply associated with kinship, language, heritage, food and commensality in the context of Macao under the Chinese policy ‘one country, two systems’, which has trigger an unprecedented socioeconomic transformation of the city. In 2017 she joined SOCIUS/CSG – Research in Social Sciences and Management, ISEG, Universidade de Lisboa, where she is working as a postdoctoral fellow in her newest research project: ‘Feasting and Power: The Economy of Culture in Macao’, funded by the Foundation for Science and Technology. Since 2018, she has been conducting fieldwork in Macao and a visiting research scholar at the Institute of European Studies of Macau. Her current research interests are on cultural and gastronomic tourism, social change, identity and ambivalence, cultural heritage, food studies, consumption, anthropology of economy and politics, tourism and public policy, institutional ethnography. She is the author of several academic articles and of the books: *Heirs of the Bamboo: Identity & Ambivalence among the Eurasian Macanese* (2020), recently published by Berghahn Books, and “*No Tempo do Bambu: Identidade e Ambivalência entre Macaenses*” (2015).



Iscte - Instituto Universitário de Lisboa
Serviços de Informação e Documentação
Av. das Forças Armadas, 1649-026 Lisboa
Tel: 210 464 052

✉ Biblioteca@iscte-iul.pt
🌐 <https://biblioteca.iscte-iul.pt>
f <https://pt-pt.facebook.com/Biblioteca.ISCTE-IUL>



Exposição Fotográfica Macao em Contrastes (2010-2018)

Photographic Exhibition
Macao in Contrasts
(2010-2018)

de/by Marisa C. Gaspar

01 fevereiro a 31 março 2023
01 february to 31 March 2023

Biblioteca Iscte - Edifício II
Iscte Library - Building II

iscte INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA
Biblioteca



Entidades financiadoras

Viajei pela primeira vez para Macau no verão de 2010 e comigo levava apenas dois ou três contactos e muitas histórias, descrições de lugares pitorescos protegidos pelas divindades e as memórias bem guardadas daqueles que comigo as tinham partilhado. A chegada ao anoitecer no catamaran *TurboJet* que rasgava as águas do Delta do Rio das Pérolas desvendou, no entanto, o brilho e as cores ofuscantes da fachada de casinos que se desenhava diante de mim e fazia adivinhar, a cada momento com maior nitidez e pormenor de contornos, uma cidade moderna, cheia de movimento, luz e cor. Todavia, a luz do dia fez desaparecer aquela curiosa silhueta dominada pelos néones, dourados e pelo kitsch, para dar lugar a uma malha urbana degradada e desordenada.

Dias passados e uma vez acomodada dentro dos limites do Centro Histórico a escassos metros do icónico monumento das Ruínas de São Paulo, é impossível escapar às artérias mais congestionadas pelos milhares de turistas que se acotovelam na tentativa de tirar a melhor fotografia. Os múltiplos edifícios históricos classificados como património da UNESCO, entre eles, fortalezas, igrejas e templos, pontuam, assim, um roteiro turístico que deu inspiração ao slogan *Sinta a Diferença, a Diferença é Macau*.

A ideia de negócio está impregnada por essa realidade que maximiza o potencial da diferença local em cada um dos produtos e iguarias culinárias que oferece aos clientes curiosos e com sede de consumo. De resto, o numeroso comércio de rua é uma proveitosa e tradicional fonte de rendimento para as famílias chinesas de Macau que fazem uso da sua loja não só enquanto local de trabalho, mas também enquanto cozinha, refeitório, sala de Mahjong e até dormitório. É esse frenesim ininterrupto das muitas pessoas de falas altas incompreensíveis e do trânsito das motas sempre de um lado para o outro pelas vielas de cabos elétricos enovelados em prédios velhos com varandas engaioladas e de cheiros intensos e adocicados que a cortina cerrada de casinos com uma vida própria no seu interior, num primeiro momento, pareceu querer esconder. E, por sua vez, nada disto pode almejar transpor o limite da acalmia dos jardins, dentro dos quais as sombras das árvores de raízes aéreas refrescam os seus visitantes regulares ao som de óperas cantonenses e do chilrear de pássaros exóticos dentro de gaiolas por ali penduradas.

Esta dança de contrastes que observei no quotidiano de Macau haveria de me acompanhar em todas as outras visitas e deambulações que fiz pela cidade, até à última, em 2018. A disputa do seu exíguo território por uma selva de betão ultramoderno continua a erguer-se em altura e a alterar-lhe, constantemente, a *skyline*. Nas ilhas, multiplicam-se as famosas réplicas dos casinos de Las Vegas que, imponentes, marcam definitivamente a sua paisagem natural. A alienação da arquitetura vernacular e dos modos de vida a ela associados já quase extinguiu o comércio tradicional para dar lugar a lojas de marcas globalizadas que tendem a marcar um estilo ocidental e cosmopolita, muito atrativo para a maioria dos visitantes oriundos da China que ali fica ao lado. No entanto, ainda assim, até mesmo ter implodido uma pandemia e uma apática política de Covid Zero, o turismo continua a alimentar o sonho de Macau.

I travelled to Macau for the first time in the Summer of 2010 and I took with me only two or three contacts and innumerable stories, descriptions of picturesque places protected by deities and the carefully nurtured memories of the people who shared them with me. As I arrived in Macau at dusk aboard the *TurboJet* catamaran that plied the waters of the Pearl River delta I was dazzled by the brilliant lights and pulsing colours on the facades of the casinos, which, as the contours and details of the skyline emerged, clearly revealed and hinted at a vibrant, modern city, abuzz with movement, light and colour. However, the light of day erased that curious silhouette dominated by neon, gaudy gilt and kitsch, to instead reveal a decaying and haphazard urban panorama.

After a few days, once I became familiar with the historic centre, just a few steps away from the iconic monument of the ruins of St. Paul, it proved impossible to escape the congested streets packed with thousands of tourists jostling to take the best photograph. The numerous historical buildings classified as a UNESCO World Heritage Site, encompassing fortresses, churches and temples, form a tourist circuit that inspired the slogan *Feel the Difference, the Difference is Macau*.

The idea of trade is embedded in these surroundings, maximising the potential of the distinctly local elements in every product and culinary speciality on offer for curious customers keen to consume traditional items. Moreover, the bustling street commerce is a profitable and traditional source of income for Chinese families in Macau, who use their stores not just as a place of work but also as a space to cook, to eat, to play Mahjong and even to sleep. It is an unending frenzy of innumerable people speaking loudly in an incomprehensible tongue, with the omnipresent sound of scooters going to and through narrow alleys, where electric cables hang low from old buildings, where verandas are completely enclosed with security grills, where intense and exotic smells permeate the air. This is the Macau that the dense curtain of the casino facades, which contain a wholly different world inside their walls, seemed to wish to conceal at first glance. In their turn, none of this appears to penetrate the hedges of the serene gardens, within which the shade of tall trees with aerial roots refreshes regular visitors, to the sound of Cantonese opera and the chirping of exotic birds inside cages scattered everywhere.

This interplay of contrasts that I observed in everyday life in Macau accompanied me on every subsequent visit and exploratory walk through the city, until my last trip there in 2018. The urban jungle of ultra-modern concrete continues to be built and grows taller with each passing day, constantly changing Macau's skyline. The famous replicas of Las Vegas casinos continue to proliferate on the islands, imperiously leaving an indelible impact on the natural landscape. The alienation of the vernacular architecture and associated lifestyles has almost completely extinguished traditional trade, replaced by global brands that embody a western cosmopolitan style that is keenly sought by most visitors from neighbouring China. Nevertheless, Macau's dreams continue to be fuelled by tourism, notwithstanding the outbreak of the pandemic and the apathetic Zero Covid policy.

Fotos:

1. Casino Lisboa e o Grand Lisboa. Macau, 2010.
2. Rotunda Ferreira do Amaral e Torre de Macau. Macau, 2010.
3. Lojas de penhores no NAPE. Macau, 2010.
4. Casinos Wynn e MGM. Macau, 2010.
5. Praça do Centro Cultural. Macau, 2018.
6. Vista desde a Fortaleza do Monte. Macau, 2010.
7. Largo do Leal Senado. Macau, 2018.
8. Albergue da Santa Casa da Misericórdia, São Lázaro. Macau, 2018.
9. Bairro de São Lourenço. Macau, 2018.
10. Templo Lin Fong. Macau, 2013.
11. Zona do Mercado Municipal Horta da Mitra. Macau, 2018.
12. Largo de Santo Agostinho. Macau, 2018.
13. Templo de Á-Má. Macau, 2013.
14. Restaurante de Dim Sum. Macau, 2013.
15. Travessa da Paixão e fachada das Ruínas de São Paulo. Macau, 2013.
16. Mercado Vermelho. Macau, 2010.
17. Mercearia chinesa. Macau, 2010.
18. Loja de produtos secos. Macau, 2010.
19. Peixe a secar na rua. Macau, 2010.
20. Aldeia Cultural de Á-Má, Coloane. Macau, 2018.
21. Casa do Mandarim. Macau, 2013.
22. Zona dos Três Candeeiros. Macau, 2010.
23. Porto Interior. Macau, 2013.
24. Jardim Luís de Camões. Macau, 2018.
25. Jardim de Lou Lim Ioc. Macau, 2018.
26. Jardim de São Francisco. Macau, 2018.
27. Vista desde a Colina de Mong Há. Macau, 2018.
28. Cotai Strip, Estrada do Istmo. Macau, 2018.
29. Rua do Cunha, Taipá. Macau, 2018.
30. Adivinho na Praça Luís de Camões. Macau, 2010.